

Relatório das Nações Unidas mostra que principais indicadores bateram recorde em 2021, agravando o aquecimento global. Cientistas pedem urgência na adoção de medidas que interrompam trajetória catastrófica e investimento em energia limpa

# Mudanças climáticas em ritmo acelerado

» VILHENA SOARES

No ano passado, o mundo bateu uma série de recordes que não devem ser comemorados, pois refletem o agravamento de indicadores cruciais relacionados às mudanças climáticas. Essas marcas preocupantes foram apresentadas, ontem, na última edição do relatório *Estado do clima mundial em 2021*, desenvolvido por especialistas da Organização Meteorológica Mundial (OMM). No documento, os cientistas da agência das Nações Unidas também alertaram para a importância de adoção de medidas que revertam esse cenário, como a troca de combustíveis fósseis por fontes de energia mais limpas. Segundo os especialistas, é necessário tomar providências urgentes para evitar uma situação ainda mais dramática no futuro, capaz de conduzir a humanidade a uma catástrofe.

No relatório, a OMM destaca degradação de quatro indicadores-chave que anunciam um cenário climático extremamente inquietante — altas concentrações de gases do efeito estufa, a acidificação dos oceanos e o aumento do nível do mar e das temperaturas, que “registraram valores sem precedentes” no ano passado, revelaram os especialistas. Segundo a organização, a atividade humana provocou alterações em escala planetária: na terra, no oceano e na atmosfera, com “ramificações nefastas e duradouras” para os ecossistemas.

O documento mostra que, de acordo com os registros disponíveis, os últimos sete anos foram os mais quentes da história. Apesar de os fenômenos meteorológicos vinculados a La Niña, registrados no início e no fim de 2021, terem provocado um efeito de resfriamento das temperaturas do planeta, o ano foi um dos mais sufocantes da história, com

média global de quase 1,11°C acima do nível pré-industrial.

Esse número é alarmante, já que o Acordo de Paris pretende limitar o aumento da temperatura no planeta a 1,5°C na comparação com a era pré-industrial. “Seguimos agora para um aquecimento de 2,5°C a 3°C graus, ao invés de 1,5°C”, declarou Petteri Taalas, secretário-geral da OMM, em uma entrevista coletiva realizada em Genebra, na Suíça.

## Efeito estufa

Além dos recordes de calor, a OMM chama a atenção para a alta concentração de gases do efeito estufa. Em abril de 2020, a taxa foi de 416,45 partes de dióxido de carbono (CO2) por milhão (ppm) no mundo. No mesmo mês de 2021, estava em 419,05ppm, a l c a n a n d o 420,23ppm em abril deste ano. O relatório também mostra que o buraco na camada de ozônio sobre a Antártida se tornou mais “extenso e profundo”, atingindo a marca de 24,8 milhões de quilômetros quadrados, superfície equivalente ao tamanho da África. “Nosso clima está mudando diante de nossos olhos. Os gases de efeito estufa induzidos pelo homem aquecerão o planeta por muitas gerações vindouras”, frisou Taalas.

Outro ponto de destaque é o calor crescente nos mares. Grande parte do oceano experimentou pelo menos uma forte onda de calor marinha em 2021, informou a OMM. O nível global do mar também atingiu um novo recorde em 2021 — aumentou 10 centímetros desde 1993 —, e esse crescimento está se acelerando, impulsionado pelo derretimento das camadas de gelo e geleiras, frisaram os especialistas no documento.

Segundo os cientistas, essa situação põe em perigo centenas de milhões de moradores do litoral, já que torna ainda mais grave

**Nosso clima está mudando diante de nossos olhos. Os gases de efeito estufa induzidos pelo homem aquecerão o planeta por muitas gerações vindouras”**

**Petteri Taalas**, secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM)

PAUL ELLIS



Parque eólico no Mar da Irlanda: investimentos na área estão no centro da estratégia “verde” do governo conservador de Boris Johnson

AFF



Crianças buscam água na Somália: seca no Chifre da África preocupa

os danos causados por furacões e ciclones. “O clima extremo tem um impacto imediato em nossas vidas diárias. Estamos vendo uma emergência de seca se desenvolvendo no Chifre da África, recentes inundações mortais na África do Sul e o calor extremo na Índia e no Paquistão”, ressaltou o dirigente da OMM.

Os autores do levantamento explicam que os oceanos são responsáveis por absorver quase 23% das emissões anuais de origem humana de CO2. Apesar de eles desacelerarem o aumento das concentrações desse gás tóxico na atmosfera, ao reagir com a água o gás carbônico leva à acidificação dos mares, pondo em risco a vida selvagem.

Segundo a agência das Nações Unidas, os oceanos estão,

agora, mais ácidos do que há pelo menos 26 mil anos. “O aumento do nível do mar, a acidificação dos oceanos e o aumento do calor nessas áreas marítimas continuarão durante séculos, a menos que sejam inventados mecanismos para eliminar o carbono da atmosfera”, destacou Taalas.

## Novos rumos

“O relatório é uma confirmação sombria do fracasso da humanidade para afrontar os transtornos climáticos”, declarou António Guterres, secretário-geral da ONU. Ele advertiu que o mundo se aproxima cada vez mais de uma “catástrofe climática” devido a um “sistema energético mundial” que está quebrado. Guterres pediu a adoção de medidas urgentes para

uma transição para energias renováveis — “fácil de alcançar” — e que pode afastar o mundo do “beco sem saída” que os combustíveis fósseis representam.

O secretário-geral da ONU propôs ainda uma série de ações para estimular a transição para energias renováveis, incluindo incentivar um maior acesso a tecnologias, triplicar os investimentos privados e públicos em opções energéticas menos agressivas e acabar com os subsídios aos combustíveis fósseis. “O único futuro sustentável é o renovável. A boa notícia é que a tábua de salvação está bem na nossa frente. A energia eólica e solar estão prontamente disponíveis e, na maioria dos casos, são mais baratas que o carvão e outros combustíveis fósseis. Se agirmos juntos, essa transformação pode ser o projeto de paz do século 21”, defendeu Guterres.

Na avaliação de Alexandre Costa, cientista do clima e professor da Universidade Estadual do Ceará (Uece), os dados vistos no relatório servem como mais um alerta da área científica para o grave diagnóstico do clima global. “A última edição desse documento, que é publicado anualmente, segue a mesma linha do mostrado no relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), que havia revelado o agravamento do aquecimento global.

Resumindo, podemos dizer que a parte da ciência já foi feita, os avisos estão dados. Agora, é preciso botar em prática as medidas necessárias para conter essa situação”, destaca o especialista.

De acordo com Costa, trocar os combustíveis fósseis por energias renováveis é uma das melhores medidas a serem tomadas para frear o aquecimento global. “É muito evidente o que precisamos fazer, que é tornar o nosso sistema energético mais limpo, e não só em relação à eletricidade, precisamos incluir o transporte”, frisa o professor. “Muitas pessoas dizem que o Brasil tem uma matriz energética limpa, mas isso não é verdade. Nossa locomoção é apoiada no petróleo, assim como ocorre em outros países. É preciso pensar em outras opções, como os biocombustíveis, por exemplo”, acrescenta.

O cientista assinala que essas mudanças precisam ser adotadas por toda a sociedade, que deve repensar seus hábitos. “Esse é um apelo que já foi feito também pelo IPCC, de que nós precisamos mudar a forma como consumimos. É necessário reduzir as nossas demandas, para não exigir mais do que precisamos do meio ambiente, e esse é um recado que vale principalmente para as nações mais ricas. Só dessa forma conseguiremos de fato ‘caber’ no planeta”, resalta o especialista.

## Apelo às autoridades brasileiras

Durante a apresentação do relatório anual da Organização Meteorológica Mundial (OMM), os especialistas das Nações Unidas fizeram um apelo aos governantes brasileiros. Petteri Taalas, secretário-geral da instituição, pediu para que os líderes do país tomem providências para cessar o desmatamento e compensem os danos gerados pelas queimadas como o reflorestamento das regiões atingidas. “Existem pressões econômicas e locais para continuar a desmatar. Mas, a longo prazo, será muito danoso ao país perder o seu ecossistema. Acabar com o desmatamento na Amazônia é um dos grandes desafios do mundo”, frisou o dirigente da OMM na entrevista coletiva.

O documento apontou como um exemplo de desequilíbrio do clima o excesso de chuvas no primeiro semestre de 2021 em regiões da América

do Sul, principalmente na bacia norte amazônica, o que desencadeou enchentes diversas na região. Taalas explicou que a criação de gado é uma das principais causas do desmatamento na floresta tropical, assinalando que essa cultura de consumo precisa ser combatida por contribuir ativamente para a crise climática. O líder da OMM advertiu para a possibilidade da Amazônia deixar de ser um grande sumidouro de carbono e passar a ser uma “fonte de emissões de carbono”.

O cientista do clima Alexandre Costa, professor da Universidade Estadual do Ceará (Uece), enfatiza que a preservação da Amazônia é um dos principais pilares para conter os danos verificados no relatório da OMM. Ele insistiu que os prejuízos registrados na região já assustam os especialistas da área.

“O desmatamento zero é um ponto crucial. A destruição de áreas verdes até agora foi imensa, já perdemos quase metade do cerrado. Estamos chegando em um estágio perigoso, em que a floresta não vai conseguir mais se recuperar. Os especialistas o definem como ‘o ponto de não retorno’, e estudos recentes têm mostrado que estamos cada dia mais próximos dele”, destacou.

Para o professor é indispensável investir com urgência em ações que cessem a destruição da área e ajudem a recuperar o que já foi destruído. “Além de repensar a forma como usamos essas regiões, é importante ir por um caminho inverso ao que temos hoje, em que taxas altas de queimadas têm sido registradas. É necessário acabar com o desmatamento e recuperar o ambiente já degradado por meio do reflorestamento, antes que seja tarde demais”, frisou o cientista.

Karen Oliveira, diretora para Políticas Públicas e Relações Governamentais da ONG The Nature Conservancy (TNC) Brasil, também aponta a relevância do alerta feito pela OMM é importante, frisando que os danos ambientais gerados na Amazônia têm chamado a atenção de todo o mundo. “Hoje, o Brasil é um líder global no ranking do desmatamento. Essa não é uma posição para se orgulhar. Isso mostra a fragilidade do país em usar as suas florestas de forma sustentável e harmônica, em parceria com os povos que vivem na região, de modo a explorar o enorme potencial dessas áreas, e assim nos ajudar no combate às mudanças climáticas”, explicou.

Para a especialista, nem tudo está perdido. “O Brasil tem todas as condições para modificar esse cenário e passar a ser um protagonista. É fundamental

MAURO PIMENTEL / AFP



Queimada ilegal na Amazônia: compensação de danos necessária

que estudos internacionais, como o publicado pela OMM, resaltem essa necessidade e reforcem a capacidade do país

de assumir o enfrentamento às mudanças climáticas, se concentrando na manutenção de suas florestas”, opinou. (VS)